



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
COLEGIADO DE HISTÓRIA

Gideão dos Santos Silva Santana

**Memórias e vivências: a Fábrica de Bebidas Gato Preto e a
fabricação das camisas de garrafas no município de Miguel
Calmon – Bahia (1950-1970)**

Jacobina, julho de 2024

Gideão dos Santos Silva Santana

**Memórias e vivências: a Fábrica de Bebidas Gato Preto e a
fabricação das camisas de garrafas no município de Miguel
Calmon –Bahia (1950-1970)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia (UNEB),
Departamento de Ciências Humanas, Campus IV
(Jacobina), como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elisangela Oliveira Ferreira.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Elisangela Oliveira Ferreira – Orientadora (UNEB)

Prof. Dr. Jackson André da Silva Ferreira (UNEB)

Prof. Dr. Valter Gomes Santos de Oliveira (UNEB)

Jacobina, julho de 2024

AGRADECIMENTOS

Quero expressar a minha gratidão em primeiro lugar a Deus, que em sua infinita bondade me deu força e perseverança para superar todos os desafios encontrados ao longo do caminho.

Agradeço de forma especial a todos os professores e integrantes do Departamento de Ciências Humanas que compõe o Campus IV (UNEB/ Jacobina), não deixando de estender a todos os meus colegas de sala, pela amizade e companheirismo, em especial à minha equipe de seminário: Bianca, Daiane e Jaciane. Compartilhamos ótimos e inesquecíveis momentos, dentro e fora do Campus. Meu muito obrigado!

Agradeço à toda minha família, irmãos e sobrinhos, pelas palavras de incentivo. À minha mãe pelas orações e ao meu cunhado Emerson Melo, pelo apoio constante.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a. Dr.^a Elisangela Oliveira Ferreira, pela paciência e compreensão disponibilizadas a mim. O meu muito obrigado!

Quero deixar o meu muito obrigado a todos os depoentes, que com suas lembranças me deram a oportunidade de realizar esta pesquisa, dando informações que não estavam presentes em nenhum documento escrito.

Em nome da senhora Lilinha Rios (*in memoriam*), agradeço aos familiares do senhor Adilhermino Marcelino de Miranda, por me permitir entrar na Fábrica Gato Preto e fazer os registros necessários, não deixando de mencionar o senhor Adaletes Palmeira (Lete), funcionário mais antigo da fábrica que contribuiu grandemente com inúmeras informações sobre a mesma.

A minha filha Elisa, que em meio a medos e pânico devido à covid-19, veio alegrar nossas vidas e renovou as minhas forças para continuar na caminhada.

Nesse momento e de forma proposital, agradeço por último a minha querida esposa, que esteve presente em todas as etapas dessa formação. Muito obrigado pelas palavras de encorajamento nos momentos de dificuldades. Minha gratidão. Sem sua ajuda tudo seria mais complicado.

Que o nosso bom Deus continue abençoando a todos. Muito obrigado de coração.

Memórias e vivências: a Fábrica de Bebidas Gato Preto e a fabricação das camisetas de garrafas no município de Miguel Calmon – Bahia (1950-1970)

Gideão dos Santos Silva Santana¹

Resumo

Essa pesquisa busca conhecer e compreender o contexto social em que viviam as famílias ligadas à produção de camisetas de garrafa, principalmente as mulheres que, em muitas situações, assumiam a função típica do homem de prover o sustento do lar. Portanto, o objeto de estudo dessa pesquisa versa sobre a produção dessas camisetas de garrafa e seus impactos na vida das famílias que dependiam dessa produção no município de Miguel Calmon-Ba. É também foco dessa pesquisa a atuação da Fábrica de Bebidas Gato Preto no referido município, tendo em vista que ela era uma das principais compradoras da produção das embalagens para as garrafas. Como fundamentação teórica, utilizei como embasamento diversos autores que são referência na historiografia e, também, autores locais, que muito contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista a escassez de registros sobre o tema a ser pesquisado. Por esse motivo, também me utilizei da história oral, realizando entrevistas com moradores do município que foram de fundamental importância para completa efetivação da pesquisa. A Fábrica Gato Preto e as famílias produtoras das camisetas de garrafas são aspectos relevantes na história do município de Miguel Calmon, pois muito favoreceram à geração de renda na cidade, durante um período tão difícil e com escassez de recursos. Ambas devem, portanto, ser lembradas e valorizadas dentro da historiografia local, pois fazem parte das memórias de muitos munícipes.

Palavras-chave: Camisetas de garrafas; Fábrica Gato Preto; Memórias; Mulheres.

Abstract

This research seeks to understand and understand the social context in which families linked to the production of bottle shirts lived, especially women who, in many situations, assumed the typical man's role of providing for the household. Therefore, the object of study of this research is about the production of these bottle shirts and their impacts on the lives of families that depended on this production. The focus of this research is also the operation of the Gato Preto beverage factory in the municipality of Miguel Calmon-Ba, considering that it was one of the main buyers of the production of packaging for bottles. As a theoretical basis, I used several renowned authors and also local authors, who greatly contributed to the development of the research, given the scarcity of records on the topic to be researched. For this reason I also used oral history, carrying out interviews with residents of the municipality who were of fundamental importance for the complete completion of the research. The Fábrica Gato Preto and the families producing bottle shirts are relevant aspects in the history of the municipality of Miguel

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de Licenciado em História pela Universidade do Estado da Bahia - Campus IV. Orientadora: prof.^a Dr.^a Elisângela Oliveira Ferreira.

Calmon, as they greatly contributed to the generation of income in the city, during such a difficult period with a scarcity of resources. Both must, therefore, be remembered and valued within local historiography, as they are part of the memories of many residents.

Keywords: Bottle shirts; Black Cat Factory; Memoirs; Women.

Introdução

No dia 6 de agosto de 1924, através da Lei Estadual nº 1726, estava sendo criado o município de Miguel Calmon, na Bahia, desmembrado do território de Jacobina, consolidando a emancipação de mais um município em solo baiano. Localizado na mesorregião do centro-norte baiano, microrregião geográfica e região administrativa de Jacobina, pertence à região econômica do Piemonte da Chapada Diamantina, à margem esquerda do Rio Jacuípe, estando totalmente incluído no “Polígono das Secas”. O município faz divisão com Jacobina, Várzea do Poço, Piritiba, Morro do Chapéu e Várzea Nova.

Nos anos iniciais do município de Miguel Calmon houve um grande empenho político para criar escolas, estradas, postos de saúde, iluminação e calçamento de algumas ruas, a fim de atender às primeiras reivindicações da população. É importante ressaltar que as primeiras atividades comerciais foram iniciadas quando o mesmo era ainda uma fazenda denominada Canabrava. “Mascates e viajantes vinham da cidade de Jacobina e de outros lugares para realizarem o comércio de suas mercadorias com as produzidas pelos calmonenses, aquecendo assim o então pequeno comércio da fazenda”, conforme Vilaronga e Carvalho (2007, p. 52).

Ao longo do tempo, ocorreram mudanças que se operaram em confirmação ao avanço daquela que deixou de ser a fazenda Canabrava para ser o município de Miguel Calmon. Por volta de 1950, “a população de Miguel Calmon estava estimada em 30.544 habitantes, desse total 82,2% referiam-se às zonas rurais, cabia a sede do município a estimativa de 3.939 habitantes” (SANTOS, 2021, p. 8). Aos poucos, o pequeno município foi evoluindo e ampliando seus horizontes comerciais:

Aos poucos foram aparecendo bodegas, padarias, farmácias, açougues, tudo muito simples. À medida que o Arraial foi evoluindo os moradores se preocuparam em desenvolver o comércio, construindo depósitos para a compra e venda dos produtos agrícolas, abrindo lojas para a venda de ferragens secos e molhados (VILARONGA e CARVALHO, 2007, p. 52).

É importante destacar que entre os anos de 1940 e 1970 o município de Miguel Calmon, mesmo tendo poucos anos de emancipação, tornou-se um destaque comercial na região, pois nele aconteciam carregamentos e descarregamentos de mercadorias por conta da linha férrea que passou a cortar o território da cidade.

O descarregamento de mercadorias oriundas de vários setores, principalmente do alto sertão de Irecê para Miguel Calmon fez dessa cidade um dos maiores potenciais em termos de comercialização e considerado o maior produtor da região. Esse título foi atribuído à arrecadação de impostos pagos em função da entrada e saída dos produtos advindos de diversos municípios. (VILARONGA e CARVALHO, 2007, p. 48).

Outro ponto que dever ser considerado é que nesse mesmo momento histórico havia um movimento por parte das autoridades baianas para incentivar a industrialização no Estado da Bahia. De acordo com Silva e Lima (2021), no início dos anos 1960 a Bahia colocou em prática “uma política de desenvolvimento industrial através de um processo de intervenções estatais planejadas, sobretudo na Região Metropolitana de Salvador (RMS), através da oferta de terrenos dotados de infraestrutura e incentivos fiscais, entre outras ações”. É claro que a maioria desses incentivos não chegaram de forma direta ao município de Miguel Calmon, mas movimentaram a economia do estado como um todo.

Nesse contexto, em 2 de janeiro de 1951, foi inaugurada em Miguel Calmon uma empresa que receberia o nome de Indústrias Reunidas Miranda Ltda, popularmente chamada de Fábrica Gato Preto (nome fantasia). Essa fábrica contribuiu de forma significativa para o crescimento da economia local, tendo em vista que gerou empregos diretos e indiretos.

Em se tratando dos empregos indiretos destaca-se a fabricação de camisas de garrafas produzidas por várias mulheres do município com o objetivo de auxiliar no sustento familiar, já que não existiam muitas alternativas de emprego no período supracitado. Portanto, o objeto de estudo deste artigo versa sobre a produção dessas camisas de garrafa e seus impactos na vida das famílias que dependiam dessa produção. Busco conhecer e compreender o contexto social em que viviam as famílias ligadas à produção de camisas de garrafa, principalmente as mulheres que, em muitas situações, assumiam a função típica do homem de prover o sustento do lar.

O que me instigou a escolher a temática em questão foi exatamente o desejo de conhecer um pouco mais sobre a experiência dessas mulheres e suas famílias, tendo em vista que a minha própria família também esteve envolvida na produção das embalagens artesanais para as garrafas. Além disso, a ausência de registros sobre o tema me incomodou, pois essa atividade

foi algo que fez parte da história do município de Miguel Calmon e, por assim ser, na minha visão, deve ser lembrada e registrada.

1. As fontes da pesquisa e a historiografia

A ausência de registros sobre o tema teve um sentido duplo na execução da pesquisa: ao mesmo tempo que me instigou também foi o que levou a uma desilusão inicial por detectar a falta de fontes que retratassem o tema. Diante disso, optei por trabalhar com fontes orais, através de entrevistas que foram cuidadosamente analisadas não no intuito de desmerecer, mas de compreender o significado dos acontecimentos. Nesse contexto, percebi o verdadeiro trabalho do historiador, trabalho este que se faz inquietante e investigativo com a principal tarefa de averiguar todas as informações obtidas, sejam elas através de documentos escritos, fotografias ou pela própria oralidade. Sobre as fontes orais pode-se afirmar que:

Trabalhar com história oral é ter a compreensão que essas fontes nos informam mais sobre o significado do que sobre os acontecimentos. Através delas, informamo-nos não só sobre os fatos, mas sobre aquilo que eles significam para quem os viveu e os reconta; não só sobre o que as pessoas fizeram, mas sobre o que queriam fazer, creem que podiam fazer, creem que tenham feito e sobre as motivações, juízos e racionalizações (VELOSO, 2005, p. 27).

Dessa forma, podemos acrescentar ainda que a história oral não está em busca de “verdades absolutas”, mas sim das particularidades, daquilo que muitas vezes não foi dito ou sequer ouvido por alguém; ou seja, nas entrevistas encontramos aquilo que não pode ser achado em documentos escritos. Falando sobre oralidade, Cardoso afirma:

Recorro a oralidade como uma opção epistemológica que fornece sustentação para uma investigação politicamente comprometida com a valorização e a recuperação das maneiras diversas de viver a história, conforme o gênero, a idade, a sexualidade, a classe, a raça, possibilitada pelo testemunho oral (CARDOSO, 2012, p. 28).

O trabalho, entre outros aspectos, aborda a situação de mulheres que assumiam temporariamente, ou às vezes definitivamente, o papel de provedoras e educadoras únicas das suas proles, quando os maridos, em função da escassez de trabalho, eram obrigados a se dirigirem para outras regiões, deixando uma situação de extrema precariedade a ser administrada pelas mulheres, sendo as camisas de garrafas umas das “soluções” encontradas

para o problema. Nesse contexto, o senhor Antônio Luiz Menezes de Araújo, cuja mãe (já falecida) participou da fabricação das camisas de garrafas, afirma que:

Quando meu pai viajava para São Paulo não deixava nenhum dinheiro com a minha mãe e até ele mandar demorava muito, até porque não ia com trabalho certo, tinha que encontrar algum serviço e depois procurar uma forma de enviar o trocado. Nesse tempo que o velho ficava fora e sem mandar nada era minha mãe que se virava de todas as formas para conseguir alimentar a gente. (ARAÚJO, 13 abr. 2024).

O artigo também destaca o papel exercido pela Fábrica Gato Preto, uma vez que era uma das principais compradoras do material produzido pelas mulheres e, dessa forma, é necessário fazer uma conexão entre a fábrica e a produção das camisas de garrafa. Como já falado anteriormente, os registros da Fábrica de Bebidas Gato Preto são escassos. Sendo assim, a utilização da história oral foi de grande valia para a realização deste trabalho e, conseqüentemente, para manter viva a história da fábrica e das pessoas que se envolveram direta e indiretamente com ela. Além disso, será também uma contribuição para a história da cidade.

Para o embasamento deste estudo procurei dialogar com alguns autores que tratam sobre a temática em questão. Para entender a técnica de história oral encontrei respaldo em diversos autores como: Durval Muniz Albuquerque Júnior, Thelma Maria Veloso, Cláudia Pons Cardoso, Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira. Para ter uma visão mais próxima dos elementos da pesquisa utilizei análises de autores locais como Dalva Vilaronga, Gêferson Carvalho e Renilton Gomes Silva. Também utilizei as ideias da autora Ecléa Bosi que em sua obra “Memória e Sociedade – lembranças de velhos”, retrata também a importância da história oral através da valorização da memória dos idosos.

A discussão em torno da história oral não é algo recente. Durante muito tempo os acontecimentos históricos ficaram restritos a registros materiais, tais como objetos, fotografias, escritos, dentre outros. Era como se a História só existisse se houvesse algo concreto que comprovasse a veracidade dos fatos. A oralidade era deixada de lado, principalmente num momento histórico de extrema importância para as sociedades ocidentais onde a escrita era utilizada como uma forma de censura à oralidade. Sobre isso, Durval Muniz Albuquerque Júnior afirma que:

Num contexto de centralização do poder, de constituição das nações, de fixação das línguas nacionais, de renovação cultural e de reforma religiosa, a palavra escrita vai assumir um papel central na captura e censura das palavras perigosas (...). Caçam-se pessoas e palavras, o Estado Absoluto quer controlar as vozes incômodas, embora não consiga evitar que continuem existindo

lugares onde a palavra libertina vá se alojar, onde a palavra escape por entre os dentes, onde se sibilem os sons surdos da revolta (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 230).

No decorrer dos anos, a produção oral passou por diversas transformações, estando em alguns momentos nas mãos de folcloristas e etnógrafos que muitas vezes acabaram por romantizá-la, transcrevendo-a de forma errônea, como afirmam Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado:

No século XIX, por exemplo, os folcloristas europeus consideravam os relatos orais como “coisas” isoladas a serem colecionadas, da mesma forma que os colecionadores de museus encaravam os objetos da cultura material. Os folcloristas tratavam as narrativas orais como artefatos culturais que tinham sobrevivido de períodos anteriores – como um tipo de história congelada – e esperavam que essas tradições pudessem contribuir para desvendar o passado. (FERREIRA e AMADO, 1996, p. 151).

Apenas a partir dos anos 70 a história oral passa a ser valorizada e vista por outro ângulo:

Dos anos 1970 para cá, estas diabolices pareciam finalmente ter chegado ao fim. Os historiadores descobrem o gravador e se dão conta de que podem escutar pessoas vivas, afinal os antropólogos já faziam isso a um século. O povo pode ser encarado, suas vozes podem ser registradas e, finalmente, circular no espaço sagrado da Universidade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 232).

O trabalho com fontes orais permitiu aos pesquisadores uma ampliação de conceitos e fontes. Ou seja, uma nova possibilidade se abre: a história passa a ser contada e construída a partir da memória do entrevistado, memória essa que sofre influências de agentes externos, os agentes culturais. Além disso, o diferencial do trabalho com fontes orais é que, durante a coleta dessas fontes, o pesquisador não se exime da responsabilidade na construção daquela história.

De acordo com Ecléa Bosi (1994, p. 43) “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência de quem a escuta”. Ou seja, a coleta de fontes orais se constitui num trabalho conjunto que envolve quem conta e quem ouve os fatos. É somente através da utilização da história oral que vozes antes esquecidas passaram a ser ouvidas e que, populações e comunidades ricas culturalmente, evoluíram de personagens para protagonistas e narradores de suas próprias histórias. Segundo Ferreira e Amado (2001, p.17): “Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos ‘outros’”.

Somente com essa técnica foi possível que historiadores e antropólogos realizassem uma nova construção de acontecimentos a partir da memória de pessoas que presenciaram os eventos.

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e especialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado, o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação (NEVES, 1998, p. 218).

Diante disso, a história oral passa a ser um método de extrema importância que consiste na realização de entrevistas gravadas com pessoas que testemunharam acontecimentos do passado e, também, do nosso presente. Nesse trabalho estas entrevistas ratificaram as ideias de autores renomados num contexto nacional, bem como dos autores locais, que contribuíram grandemente para a elaboração da pesquisa. Além disso, os depoimentos colhidos foram de suma importância, visto que através desses depoentes conseguimos vislumbrar a história de alguns acontecimentos que poderiam cair no esquecimento, mas que agora ficarão registrados.

2. Fábrica de Bebidas Gato Preto: primeiros passos

Não apenas em Miguel Calmon, mas em todos os lugares onde surgiam, as fábricas tornaram-se um importante local de trabalho, pois ampliaram os meios de sobrevivência dos homens e das cidades, além de permitir uma nova forma de sociabilidade. O trabalhador contratado livremente passou a receber salário podendo se deslocar de um emprego para outro.

A fábrica também alterou profundamente os meios de produção, estimulou e provocou a competição por mercados e fez com que o trabalho humano passasse a ser combinado de forma sistemática às máquinas e inovações tecnológicas. Sobre esse aspecto pode-se afirmar que:

A fábrica liderou uma revolução que transformou a vida humana e o meio ambiente. Durante a maior parte da nossa história, até as primeiras manifestações da Revolução Industrial e a criação das fábricas, no início do século XVIII, a vasta maioria da população mundial era rural e pobre, levando uma existência precária, atormentada pela fome e pela doença. (...) O crescimento médio anual per capita da produção econômico global durante o período entre o nascimento de Jesus e a primeira fábrica foi basicamente zero. Mas, no século XVIII, começou a aumentar, e entre 1820 e 1913 se aproximou

de 1%. Desde então foi maior, com um pico de quase 3% entre 1950 e 1970. (FREEMAN, 2019, p. 7).

A citação indica a importância que o surgimento das fábricas teve para a sociedade de forma geral. Essa importância não foi diferente para o pequeno município de Miguel Calmon. Embora pequena, a nova fábrica trouxe mudanças para o cenário econômico da também pequena e recém-emancipada cidade.

A Fábrica de Bebidas Gato Preto foi fundada no dia 12 de janeiro de 1951 pelo senhor Adilhermino Marcelino de Miranda em um pequeno ponto situado na Avenida Odonel Miranda Rios, no centro da cidade de Miguel Calmon, que nesse momento ainda dava os seus primeiros passos como sede do novo município.

No contexto da fundação o senhor Adilhermino era a única mão-de-obra atuante no pequeno empreendimento e tendo o mesmo tino para os negócios, logo percebeu que a empresa, até então chamada de Leão da América, necessitaria de um local mais amplo para as instalações. Sendo assim, mudou-se para a Praça Lauro de Freitas e as vendas se expandiram ainda mais. O espaço na praça também ficou pequeno e em 1951 a fábrica, que produzia Jurubeba e Vinho de maracujá, foi transferida para o seu endereço definitivo na rua Dr. Antônio de Oliveira, centro de Miguel Calmon. Nas novas instalações a fábrica também recebeu um novo sócio, o senhor Amélio Marcelino de Miranda, irmão do fundador. Mesmo tendo crescido, a produção ainda era tímida.

Figura 1: Instalações internas da Fábrica Gato Preto



Fonte: Gideão dos Santos S. Santana, fotografia tirada em: 20 ago. 2022.

A matéria prima para a produção das bebidas da Fábrica Gato Preto era oriunda da própria região, já que as frutas usadas na fabricação desses produtos existiam em abundância na zona rural do município. Essa matéria prima era trazida no lombo dos animais, transporte bem comum na época e era fornecida por produtores da região, pois se tratava de plantas nativas. A jurubeba, por exemplo, também é chamada de Jurieda ou Jupeda; a mesma é uma planta do tipo arbusto e que gera frutos do tipo baga de cor verde-clara, o caule é espinhoso, tendo esta planta um sabor amargo. As folhas são sinuosas, lisas na parte superior e peludas na parte inferior. É uma planta mais comum nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Figura 2: Planta jurubeba



Fonte: Gideão dos Santos S. Santana, fotografia tirada em: 20 ago. 2022.

A partir da mudança para o endereço definitivo, o empreendimento passou a ser chamado de Fábrica Gato Preto, nome que sempre suscitou curiosidade na cidade com relação ao motivo dele. Há dois fatos que foram determinantes na escolha do nome. Em entrevista, o senhor Adaletes Palmeiras da Silva (20 ago. 2022), conhecido como Lete, que foi funcionário da fábrica durante mais de 50 anos, relatou que seu Adilhermino falava que todos os dias quando ele chegava na fábrica, um gato da cor preta ficava passando por entre suas pernas, sendo adotado por ele. Isso ainda quando a fábrica funcionava na Praça Lauro de Freitas.

Além disso, um outro fato contribuiu para a escolha do nome. Segundo a esposa do senhor Adilhermino, a senhora Lilinha Rios de Miranda (13 set. 2022), o fornecedor dos rótulos das garrafas fez-lhe um grande desconto numa quantidade de rótulos variados, dentre os quais

havia um tipo com o nome Gato Preto. Diante de tais fatos, consolidou-se a empresa como Fábrica de Bebidas Gato Preto.

2.1 Dificuldades enfrentadas pela fábrica nos anos iniciais

Durante muito tempo o fornecimento de energia elétrica no município era restrito, sendo a iluminação complementada através de candeeiros² que usavam como combustível o querosene, um produto altamente inflamável comprado facilmente nas poucas bodegas de Miguel Calmon. Em 1932 foi implantado um sistema de geração de energia, este impulsionado por motor a óleo, substituindo um anterior que era movido a lenha e vapor d'água. Com esse novo sistema a eletricidade produzida, além de atender a iluminação pública, atendia a algumas residências com uma limitação no horário de funcionamento que tinha o fornecimento de energia iniciado às 18 horas e interrompido às 22 horas.

A partir de 1948 a CERNE passou administrar os serviços de energia elétrica do município. Em 1972 a COELBA (Companhia de Eletricidade da Bahia) assumiu definitivamente o fornecimento de eletricidade modificou e ampliou o sistema de redes instalando transformadores que antes não existiam e substituindo poste de madeira por postes de concreto em todo os circuitos. Construiu uma base de distribuição local, a subestação de Miguel Calmon, localizada atrás do alto do Cruzeiro (VILARONGA e CARVALHO, 2007, p. 290).

Diante dessas dificuldades a Fábrica Gato Preto providenciou um gerador de energia para suprir as necessidades que surgissem, tendo em vista que a maioria dos processos na produção das mercadorias eram feitos de forma manual e, em 1951, quando a fábrica foi implantada, as dificuldades com o fornecimento de energia ainda existiam, tendo em vista que a COELBA só assumiu em 1972, momento em que a fábrica já estava bem consolidada.

Na década de 50, período de fundação da fábrica, a população calmonense também não possuía um fornecimento regular de água. O abastecimento era por meio de cisternas cavadas no fundo dos quintais; isso para aqueles que tinham condições de fazer a cisterna. Aqueles que não tinham usavam o lombo dos animais para ir buscar água nos rios existentes no município. Devido a escassez a prefeitura começou a fornecer água em caminhões pipa. Outra medida

² Utensílio utilizado para a iluminação, muito comum nas residências antigas. Geralmente era feito artesanalmente, utilizando lata de óleo, um pavio e querosene como combustível.

tomada pelo então prefeito da cidade, o senhor Adolfo Liberato de Moura, foi a construção de chafarizes, permitindo a distribuição de água para toda a população.

Com o passar do tempo, muitas outras medidas foram tomadas com o intuito de sanar por completo o problema do abastecimento de água no município, problema esse que contribuiu de modo considerável para a estagnação da economia local. Somente em março de 1979 é que chegou ao município a Empresa Baiana de Águas e Saneamento – EMBASA, durante a administração do prefeito Amélio Marcelino de Miranda (um dos sócios da fábrica). Dessa forma o município passou a ter uma rede de distribuição com água encanada e tratada.

Mesmo com essas mudanças, a cada verão, os reservatórios baixavam mudando assim a rotina dos moradores, que com baldes e latas passavam a ir buscar água na parte baixa da cidade.

Nesses períodos de seca havia um déficit na distribuição de água encanada em função da baixa disponibilidade de água nos reservatórios da EMBASA o que obviamente afetava a gravidade fazendo com que as águas somente chegassem as áreas mais baixas provocando um maciço deslocamento de pessoas e veículos entre as áreas altas e baixa da cidade (VILARONGA e CARVALHO, 2007, p. 293).

O senhor Adaletes Palmeiras da Silva, ou senhor Lete, relata as dificuldades da Fábrica Gato Preto no período das longas estiagens em Miguel Calmon:

A fábrica não podia parar a produção, pois tinha pedidos para serem entregues. Sendo assim, eu ia muitas noites para buscar água no carro da fábrica no povoado dos Bagres, a fim de abastecer os tanques da fábrica para a produção do dia seguinte (SILVA, 20 ago. 2022).

A população calmonense só teve o problema do abastecimento de água resolvido no ano de 1998, quando a barragem do distrito do França, em Piritiba, começou a operar, solucionando de vez o desabastecimento de água no município.

Mesmo diante de um cenário ainda pouco favorável para o desenvolvimento industrial na pequena cidade de Miguel Calmon, a fábrica foi rompendo grandes obstáculos para escoar sua produção. Além das dificuldades com água e energia, inicialmente existia a falta de transporte automotor para a realização das vendas e entregas das bebidas. Sobre esse assunto, a senhora Lilinha Rios de Miranda faz algumas considerações:

Esses serviços eram feitos por meio de animais, através do seu primeiro vendedor, o senhor Amelcides Gabriel de Oliveira; este, sobre o lombo de um

animal, rodava toda a região comercializando os produtos da fábrica. Nessa jornada, acabava ficando muitos dias longe de casa. Já o segundo vendedor, o senhor Ademir Gabriel de Oliveira teve a sua disposição um carro do modelo Jeep, o que possibilitou a fábrica atingir um número maior de clientes (MIRANDA, 12 set. 2022).

Sobre o trabalho na fábrica o senhor Adaletes Palmeiras da Silva (Lete) traz algumas informações relevantes:

Na fábrica, a higienização, o fechamento das garrafas e a colagem dos rótulos eram inicialmente feitos de forma manual, na maioria das vezes por mulheres que eram contratadas para esse fim. Para a colagem dos rótulos era utilizada uma cola de fabricação própria, usando a tapioca (alimento extraído da macaxeira ou aipim, uma raiz conhecida na região). A partir da tapioca se produzia uma goma que era usada para colar os rótulos nas garrafas. As mulheres também faziam o trabalho de lavagem das garrafas e troca de rótulos quando estas retornavam para a fábrica (SILVA, 20 ago. 2022).

Ainda sobre a lida com a garrafas de bebidas no interior da fábrica, temos o depoimento da senhora Maridalva de Santana Belém que também prestou serviços temporários na empresa:

A gente trabalhava limpando as garrafas para que elas fossem usadas de novo. Tinha um tanque grande cheio de água e as garrafas ficam dentro, de molho, para amolecer o rótulo e ficar mais fácil para tirar. Aí a gente ia metendo a mão dentro do tanque e pegando as garrafas para limpar e aí as garrafas ficam com a boca para baixo para escorrer e depois encher de novo (BELÉM, 25 mar. 2023).

A visão de crescimento dos irmãos Miranda era ampla. Aceitando uma sugestão do senhor Samir Passos, um grande amigo dos empresários, eles resolveram adquirir uma máquina de rotular e encher as garrafas, dando assim mais agilidade ao processo.

Figura 3: Máquina de rotular e encher garrafas



Fonte: Gideão dos Santos S. Santana, fotografia tirada em: 20 ago. 2022.

Em cada lugar que o produto chegava conquistava os consumidores e com isso a demanda da fábrica aumentava, causando uma expansão da produção, que se deu não apenas na fabricação dos produtos já comercializados, mas também no lançamento de novos produtos como aguardente, vinagre, refrigerante tipo laranjada, refrigerante tipo cajuína, vinho do maracujá, vinho de abacaxi, vinho tinto moscatel e até mesmo balas de café com leite e com sabores de diferentes frutas típicas da região.

Os empregos diretos gerados pela fábrica no início foram poucos, já que ela iniciou sua produção com apenas meia dúzia de barris. Já os empregos indiretos foram em maior proporção, pois envolvia famílias inteiras no plantio e colheita das frutas usadas para a produção das bebidas. As famílias também trabalhavam na fabricação de embalagens para as garrafas das bebidas, um trabalho artesanal feito por pessoas de baixa renda que usavam na confecção das embalagens a taboa, uma planta encontrada em lagoas da cidade.

Sendo assim, a Fábrica Gato Preto surgiu como uma nova alternativa para a sobrevivência de muitos munícipes, num período em que os empregos eram escassos e a

população não dispunha de ajuda financeira por parte de nenhuma das esferas do poder público, como relata a senhora Noeme dos Santos Silva, 76 anos, moradora do município desde criança:

Não tinha esses benefícios que tem hoje e no período da seca tudo ficava mais difícil, pois não tinha ninguém para nos socorrer; desta forma aqueles alimentos que eram deixados de lado, eram aproveitados no período da seca, como tomatinho de monturo, que nascia lá no quintal. A gente arrancava, fazia uma salada e era só o que tinha para comer (SILVA, 15 mar. 2023).

A Fábrica Gato Preto venceu várias dificuldades na época em que iniciou suas atividades, quebrando paradigmas e até superstições. Seu produto conquistava espaço aonde chegava. Alcançando um mercado cada vez maior, a jurubeba produzida diretamente da fruta chegou a deixar seu principal concorrente para trás: a jurubeba Leão do Norte, bebida ainda existente no mercado atualmente, entretanto feita da essência da fruta, ficando em segundo plano na escolha do consumidor.

A referida fábrica movimentou muito a economia do município de Miguel Calmon, tendo em vista que em seu ápice chegou a ter mais de cinquenta funcionários, entre homens e mulheres, sendo esse um recorde ainda a ser quebrado, já que ainda não existiu um outro empreendimento privado com grandeza semelhante à da Gato Preto, que gerou tantos empregos diretos e indiretos, abrangendo diversas cidades do estado, como afirma o ex-funcionário, senhor Adaletes Palmeiras da Silva:

Eu entregava os produtos da Gato Preto em vários lugares aqui da região e também mais distantes: Piritiba, Mundo Novo, Baixa Grande, Várzea Nova, Icó, Morro do Chapéu, Xique-Xique, América Dourada, Lapão, Cafarnaum, Tapiramutá, Campo Formoso, João Dourado e mais algumas que não me lembro agora. Mas eram muitos lugares que a gente vendia (SILVA, 20 ago. 2022).

A Fábrica Gato Preto conquistou seu espaço e se firmou no sertão da Bahia. Entretanto, com a popularização dos refrigerantes em embalagens pet e a ausência de um sucessor com a mesma visão empreendedora do senhor Adilhermino, a fábrica foi aos poucos perdendo espaço no mercado e diminuindo a sua produção até o completo encerramento das suas atividades, no ano de 2022, período que sucedeu a pandemia da Covid-19. É inegável, portanto, o grande legado deixado pelo empreendimento que foi a Fábrica de Bebidas Gato Preto. Infelizmente, esse legado não permaneceu até os dias atuais, mas é necessário que a existência da fábrica e os desdobramentos econômicos e sociais trazidos pela mesma sejam registrados, pois fazem parte da própria história do município de Miguel Calmon.

3. A fabricação das camisas de garrafa

Como já supracitado, a Fábrica Gato Preto alçou voos elevados durante a sua jornada e com a expansão dos seus negócios, novas formas de geração de emprego e renda foram surgindo no município de Miguel Calmon. Além dos empregos diretos, diferentes tipos de empregos indiretos também surgiram. A confecção de embalagens para as garrafas das bebidas foi uma dessas novas formas de geração de renda. Naquele período a fábrica não tinha acesso a caixas de papelão nem a engradados plásticos. Sendo assim, havia uma quebra grande das garrafas, tendo em vista que o transporte era feito em sacos de estopa.

Nesse contexto as embalagens artesanais, chamadas de camisas de garrafas, surgiram como uma boa alternativa para reduzir os prejuízos da fábrica. Por outro lado, representavam também uma fonte alternativa de renda para várias famílias de baixa renda do município.

Como já dito, as camisas de garrafa eram embalagens feitas artesanalmente a partir de uma planta chamada taboa, muito comum nas lagoas do município, a exemplo da lagoa situada na sede, na rua Duque de Caxias, como também da lagoa do povoado de Bagres. Embora não existam tantos registros sobre essa produção, essa foi uma atividade que muito contribuiu para o sustento de muitas famílias moradoras em Miguel Calmon, como afirmam Viralunga e Carvalho (2007, p. 49): “A fabricação de embalagens para garrafas era uma atividade valiosa para as pessoas de pouca renda, tendo em vista que a matéria-prima, a taboa, era colhida facilmente em lagoas próximas à Cidade”.

Figura 4: Planta taboa



Fonte: Gideão dos Santos S. Santana, fotografia tirada em: 20 ago. 2022.

A fabricação das “camisas de garrafa”, como eram chamadas as embalagens artesanais, era de grande valia para muitas famílias da época, inclusive a minha, já que o município por ser economicamente pobre, não oferecia outros meios para a geração de emprego e renda:

Economicamente o Município é pobre, pois não possui um sustentáculo definido. A economia do município baseia-se em atividades diversas como: agropecuária, extrativismo mineral, comércio e indústria em pequena escala. Dessas, destaca-se a atividade agropecuária como sendo a que mais contribui para a economia do Município em termos de geração de ocupação e renda, sobretudo, entre as populações rurais. (VILAROGA E CARVALHO, p. 167)

A extração da taboa para a produção das camisas de garrafas era feita por homens, mulheres e até crianças, todos sujeitos a contaminação e até correndo risco de afogamento, pois as palhas que ficava maduras caíam umas sobre as outras, formando assim uma espécie de “armadilha”, chamada de baceiro pelas pessoas que tiravam a taboa da lagoa. Quem não tinha experiência pisava no baceiro e afundava. Essa situação foi vivida pela senhora Jacira Menezes de Araújo, quando ela foi tirar taboa juntamente com o seu filho, Antônio Luís Menezes de Araújo (à época ainda criança), o qual relata o acontecido:

Fomos eu, minha mãe, uma senhora que era nossa vizinha, chamada Valdivina. Lá na lagoa minha mãe pisou em um baceiro e afundou bem rápido. A água chegou perto da boa dela. D. Valdivina e eu a puxamos e conseguimos tirar ela. Foi um susto grande, mas depois continuamos, pois, a taboa tinha que ser arrancada. Algumas pessoas pagavam para os homens tirarem. Mas minha mãe achava que o lucro ficaria muito pouco (ARAÚJO, 13 abr. 2024).

A situação descrita, no entanto, não pôs fim as idas na lagoa, até porque o esposo da senhora Jacira Menezes estava em São Paulo, não tendo a mesma opção, já que tinha que produzir as embalagens, caso contrário não teria dinheiro para o sustento dos filhos. A migração da população para outros locais em busca de emprego era algo comum, principalmente para o estado de São Paulo, como afirma Lilinha Rios de Miranda na sua obra Mosaico:

A seca de 1950 também foi devastadora. Muita fome, morte de animais, escassez de água. Foi a era do tristemente famoso “pau-de-arara”. Fugindo da longa estiagem, muitos nordestinos migravam para São Paulo, à procura de melhores dias. O transporte utilizado, por ser mais acessível ao bolso, era a carroçaria de caminhão. Uma lona como teto, bancos toscos para sentar, uma farofa de carne de sol, rapadura e umas bolachas para enganar o estômago. Para se proteger das noites frias, um cobertor “dorme-bem”. E lá ia o carro levantando a poeira da estrada à procura da grande metrópole. Esses

passageiros sofridos, os retirantes, cheios de esperança, vislumbravam São Paulo como o Eldorado, a promessa de um bom trabalho, dinheiro e estômago cheio. Era o sonho de viver com dignidade (MIRANDA, 2005, p. 50).

Falando de pau-de-arara, cabe ressaltar que essa viagem não era nada fácil, pois não tinha prazo de chegada ao destino, já que os transportes, muitas vezes, quebravam, fazendo com os passageiros tivessem que conseguir outra forma de chegar ao seu destino. Ou seja, na saída não havia garantia de chegada ao destino; tanto que o pagamento era feito conforme a viagem ia acontecendo, já que o proprietário do caminhão não sabia até onde o seu carro chegaria sem sofrer qualquer imprevisto. Em entrevista, o senhor Antônio Luiz descreve um pouco das viagens realizadas pelo seu pai:

Meu pai pegava o carro aqui em Miguel Calmon com destino a grande São Paulo. Em meio a viagem, quando o pau-de-arara quebrava, era preciso procurar uma forma de chegar na próxima cidade, onde tivesse outro carro saindo para São Paulo, já que o carro que saiu daqui não tinha nenhuma condição de continuar a percorrer tamanha distância. Já teve situação de meu pai ter que ir de carroça de burro até o próximo município. Era uma viagem sofrida e muito cansativa. Ele ia com quase nada de dinheiro. Já teve vez de a viagem durar 16 dias. (ARAÚJO, 13 abr. 2024).

Muitas mulheres assumiam a responsabilidade da família enquanto os maridos estavam fora do município, em busca de oportunidades de empregos. Em algumas situações, os homens acabavam não retornando para o seio familiar, deixando esposa e filhos a mercê das dificuldades locais. Acredito que muitos homens formavam novas famílias aonde chegavam e, diante de tal contexto, a fabricação das camisas de garrafas era uma das poucas alternativas para as mulheres, agora totalmente responsáveis por prover a subsistência da sua casa.

A senhora Maridalva de Santana Belém (25 mar. 2024) conviveu de perto com tal situação, quando seu tio Davi Santana, em busca de melhoria para a sua família, foi embora para Brasília com a promessa que voltaria após um ano de trabalho. Entretanto, ele não retornou e nem deu notícias até os dias de hoje. Para a mulher que ficava desamparada, seja pelo fato de o marido ter ido embora ou por falecimento, não restava outra alternativa a não ser, de forma brava, correr atrás do sustendo da sua prole.

Como supracitado, no município de Miguel Calmon, a principal utilização da taboia era para a fabricação das camisas de garrafas. Essas embalagens eram feitas, em sua maioria, por mulheres a fim de ajudar na renda familiar. Além daquelas que assumiam completamente o sustento da casa com tal atividade, algumas delas eram casadas com funcionários ou prestadores de serviços dos depósitos que compravam as embalagens. O senhor Ângelo Matos (20 abr.

2024), quando questionado sobre o trabalho masculino na fabricação das camisas de garrafas, afirma que “a maioria eram feitas por mulheres, pois os homens trabalhavam em outras funções, como os chapas³; entretanto, em algumas situações, os homens acabavam tendo que ajudar, pois era a única opção”.

Todavia, a fabricação das camisas de garrafas era uma atividade feita majoritariamente por mulheres, inclusive por haver uma associação com um trabalho mais doméstico e delicado, que não se “encaixaria” na visão masculina. Essa perspectiva é endossada na fala da senhora Noeme dos Santos Silva (15 mar. 2023): “meu pai e meu irmão não faziam; apenas tiravam a taboa da lagoa. O restante do trabalho era a parte das mulheres, pois mãe falava que o homem não sabia trançar a palha direito.”

Na verdade, essa visão de que “o homem não sabia” ou o exclusivismo de tarefas tidas como femininas acabava por sobrecarregar as mulheres, que além de dar conta do trabalho na fabricação das camisas de garrafas ainda tinham que realizar todas as tarefas de casa. Sobre essa questão, o historiador Edward Palmer Thompson, em sua obra “Costumes em comum”, cita um trecho do poema *The Woman's Labour* (O trabalho da mulher) da poetisa inglesa Mary Collier:

[...] e quando chegamos em casa,
Ai de nós! Vemos que nosso trabalho mal começou;
Tantas coisas exigem a nossa atenção,
Tivéssemos dez mãos, nós a usaríamos todas.
Depois de pôr as crianças na cama, com o maior carinho
Preparamos tudo para a volta dos homens ao lar:
Eles jantam e vão para a cama sem demora,
E descansam bem até o dia seguinte;
Enquanto nós, ai! Só podemos ter um pouco de sono
Porque os filhos teimosos choram e gritam
[...]
Em todo trabalho (nós) temos nossa devida parte;
E desde o tempo em que a colheita se inicia
Até o trigo ser cortado e armazenado,
Nossa labuta é todos os dias tão extrema
Que quase nunca há tempo para sonhar.
(COLLIER, 1739 apud THOMPSON, 1998, p. 287).

Mesmo tendo sido escrito há mais de dois séculos, o poema acima ainda é muito atual, pois descreve claramente a realidade de muitas mulheres. Historicamente o papel das mulheres na sociedade tem sido fundamental, apesar de muitas vezes não ter sido reconhecido

³ Homens que trabalham carregando e descarregando caminhões de mercadorias de forma autônoma, sem vínculos empregatícios com o caminhoneiro ou a empresa.

adequadamente. As mulheres desempenham papéis essenciais em várias esferas da sociedade, como mãe, chefe de família, educadora, cuidadora, líderes e trabalhadoras em diversos setores. No entanto, ao longo da história, o reconhecimento e a valorização de suas contribuições foram frequentemente subestimados ou ignorados.

Com as mulheres que fabricavam as camisas de garrafas não era diferente. A sobrecarga gerada pelas múltiplas atividades, associada a um cenário sem muitas possibilidades, fazia com que elas vivessem sem perspectiva de alcançar algo maior. A senhora Maridalva de Santana Belém (25 mar. 2023), em sua entrevista fala como era o dia a dia: “Era muito trabalho pra gente. Quando juntava casa, menino pequeno, marido e ainda o trançado... Quando terminava era só dormir pra no outro dia começar tudo de novo. Estudo nem se fala! Era tudo muito difícil. Hoje é que tá bom.”

Após a retirada da lagoa a taboa ficava exposta ao sol por mais ou menos cinco dias, para só depois desse tempo ir para as mãos das mulheres que faziam o trançado, produzindo assim as embalagens. A produção era realizada nas casas e, por assim ser, contava também com a mão-de-obra infantil. Era uma espécie de trabalho familiar, em sua parte realizado de forma precária, pois não havia nenhum equipamento de proteção e nem uma jornada específica. A produção adentrava a noite sem ter hora para acabar. Como a energia elétrica era limitada, conforme já foi explicado, algumas famílias utilizavam candeeiros, o que de certa forma trazia riscos de incêndios.

Essa situação pode ser comprovada através do depoimento da senhora Noeme dos Santos Silva, que trabalhou quando criança na fabricação das camisas de garrafa.

Quando era tempo de seca a produção aumentava, pois não se tinha outra coisa para fazer. Aí minha mãe pagava para tirarem uma quantidade grande de taboa. Depois que secava, a nossa casa ficava tomada pela palha. Ficava pouco espaço pra gente passar. Quando a usina dava o primeiro sinal que iria desligar a energia, minha mãe já preparava os candeeiros para continuar com a fabricação. E nisso o trabalho corria noite adentro (SILVA, 15 mar. 2023).

Mesmo correndo diversos riscos e sendo um trabalho repetitivo, a produção de camisas de garrafa era recorrente. Um trabalho desgastante que não tinha uma jornada específica, ou seja, o tempo de trabalho era estabelecido pela necessidade da produção. Sobre esse tipo de trabalho, orientado não por tempo determinado, mas pelas tarefas a serem cumpridas, Thompson faz uma análise bastante interessante.

É possível propor três questões sobre a orientação pelas tarefas. Primeiro, há a interpretação de que é mais humanamente compreensível do que o trabalho

de horário marcado. O camponês ou trabalhador parece cuidar do que é numa necessidade. Segundo, na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre “o trabalho” e “a vida”. As relações sociais e o trabalho são misturados – o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa (THOMPSON, 2006, p. 271).

Era exatamente isso que acontecia na produção das camisas de garrafas. Não havia um período específico e o trabalho se misturava no cotidiano das famílias; ou seja, cada hora trabalhada trazia um pouco mais de rendimentos para a família.

Cabe destacar que nos períodos de grande estiagem, algo que é comum na região, a produção aumentava ainda mais já que, com a falta de trabalho, muitas famílias, que outrora estavam tirando seu sustento de atividades ligadas à agricultura, migravam para a produção das camisas de garrafa. Esse aumento na mão-de-obra e, conseqüentemente, da oferta das camisas de garrafa, fazia com que os preços das embalagens (que já não eram altos) caíssem ainda mais. Entretanto, a venda das camisas era certa, sendo a aquisição das mesmas feita pela Fábrica Gato Preto e, também, por outros armazéns da cidade, como o do senhor Agnelo Mota e Miguel Carlos Izabela, ambos com grande movimentação na época. Este último ainda está em atividade no município, só que com uma outra logística da que foi fundada.

O senhor Ângelo Augusto Matos, filho do senhor Agnelo Mota, em entrevista concedida no dia 9 de maio de 2024, falou um pouco sobre a comercialização das camisas de garrafas, pois o seu pai era também um forte comprador dessas embalagens.

As camisas de garrafas desempenharam um grande papel na economia local, já que a matéria prima para a confecção das mesmas era achada de forma gratuita nas lagoas da cidade, e por mais que o preço do produto não fosse muito alto, ainda assim dava passibilidade das famílias que produziam comprar alimentos e outros utensílios domésticos, aquecendo assim o comércio local (MATOS, 9 mai. 2024).

Havia muitos compradores da camisa de garrafa no município, já que ela era revendida para outras fábricas de bebidas de outras localidades, que por terem a mesma logística no transporte dos seus produtos (em saco de estopa), terminavam por ter prejuízos, vindo assim até Miguel Calmon para comprar esses produtos nos armazéns da cidade. Sobre a comercialização das embalagens, o senhor Ângelo Matos ainda acrescenta:

O depósito do meu pai era um dos grandes compradores da camisas de garrafa. Ele tinha uma máquina que prensava as camisas de garrafas, fazendo blocos que tinham cinco milheiros das camisas, revendendo assim para outras fábricas de bebidas. Essas fábricas, assim como a Gato Preto, não tinham

acesso a engradados nem caixa de papelão, então vinham buscar esse produto em grande quantidade aqui no depósito. Saíam caminhões carregados das camisas com destinos, por exemplo, à fábrica de aguardente Pitu, na cidade de Vitória de Santo Antão, no estado de Pernambuco (MATOS, 9 mai. 2024).

Essas informações referentes à venda das camisas de garrafas para fora do município podem ser confirmadas por Welber Rios, quando ela afirma que:

A exportação de produtos era feita de maneira mais barata e mais rápida, por conta da linha férrea. Partia de Miguel Calmon, fumo em corda, corda de sisal, artefatos de couro e a famosa “camisa de garrafa”, um produto no qual se utilizava a taboa, facilmente retirada de lagoas para sua fabricação, uma maneira em que famílias de baixa renda tinha de angariar fundos (RIOS, 2017, p.17).

Os compradores estavam sempre necessitando das embalagens, tendo em vista que elas não tinham longa durabilidade. Eram usadas no máximo duas vezes, pois acabavam se desfazendo com o transporte. Entretanto, ainda era vantajoso utilizá-las, pois reduzia muito a quebra das garrafas fazendo o seu produto alcançar um público cada vez mais distante. Para as famílias, essa também era uma atividade de suma importância, pois era um socorro diante da escassez de empregos, principalmente nos períodos de seca, que não afetava apenas a paisagem, mas toda a rotina das pessoas que, muitas vezes, não tendo mais como permanecer no município tinham que ir para outros estados a procura de trabalho.

Os recursos eram tão escassos que as bodegas da época acabavam vendendo os produtos de forma fracionada e fiado, a fim de que os clientes pudessem levar de tudo um pouquinho. No período da seca tudo ficava mais difícil. Não que no período chuvoso as coisas fossem boas, pois ninguém que era pobre ficava rico por conta da chuva. As dificuldades permaneciam acompanhando boa parte da população, mas com as chuvas surgiam outras possibilidades de emprego na lavoura.

Diante das dificuldades a população se valia das bodegas que vendiam de tudo um pouco e ainda na quantidade desejada. Em entrevista a senhora Noeme dos Santos Silva relata um pouco de como era utilizado o dinheiro que a sua mãe ganhava com a fabricação das camisas de garrafa:

Com a produção das camisas de garrafas minha mãe comprava os alimentos principais, geralmente o que estava mais em falta. As vezes até precisava de outra coisa, mas a comida vinha sempre na frente. Já teve vez de vender as camisas de garrafas e usar o dinheiro para pagar o que já tinha comido. Pagava e pegava mais alguma coisa, ficando devendo novamente na venda. Se não

podia comprar uma lata de óleo, um pacote de café levava a quantidade que podia comprar (SILVA, 15 mar. 2023).

Ainda falando do destino do dinheiro que ganhava com a produção e venda das camisas de garrafas, a senhora Elenita Pereira da Silva Almeida, 92 anos, que produzia as camisas de garrafas juntamente com seus 10 filhos, reafirma a fala da senhora Noeme dos Santos Silva:

Tinha uma venda perto da Fábrica Gato Preto, do senhor Adão. Ele comprava as camisas de garrafas, aí eu já comprava um pouco de comida na mão dele. Geralmente pegava o feijão, a farinha, o café e um pouco de açúcar. O resto do dinheiro trazia para casa; tinha muito menino, então não podia pegar outros alimentos melhores como arroz e macarrão. Macarrão era uma vez ou outra. Ele vendia de tudo um pouco; muitas vezes eu nem pegava no dinheiro, já trocava por comida. Tempo difícil, meu fio (ALMEIDA, 10 mai. 2024).

A confecção das camisas de garrafas, sem sombra de dúvidas, movimentou a economia da cidade de Miguel Calmon, começando em casas de famílias. Esse trabalho artesanal gerou também postos de trabalhos nos comércios do município, como por exemplos *os chapas*, que eram pagos pelos comerciantes para carregar os caminhões com o produto que era vendido e direcionado para outras cidades do estado. Essa produção das embalagens usando a taboa fez com que os produtos da Fábrica Gato Preto, como também da tão famosa cachaça Pitu, alcançassem lugares cada vez mais distantes, evitando prejuízos com a quebra das garrafas e possibilitando mais lucros às empresas que as utilizavam.

A produção das camisas de garrafas teve seu fim com o advento das caixas de papelão, próprias para o transporte das garrafas de vidro, por volta do ano de 1976, quando a Fábrica passou a adquirir o papelão na cidade de Feira de Santana-Bahia. É importante destacar que, segundo os entrevistados, no município de Miguel Calmon, a taboa era utilizada unicamente para a confecção das embalagens, não havendo outro tipo de artesanato feito com a mesma. Isso porque a palha da taboa não era resistente, como a do Ouricuri, por exemplo. Essa característica acabava por não incentivar outras formas de utilizá-la.

Frente ao fim da produção das camisas de garrafas, as famílias produtoras se viram obrigadas a se reinventarem na busca de uma nova fonte de renda, algo comum para o nordestino, pois, como afirma o escritor e jornalista Euclides da Cunha em sua obra clássica *Os Sertões*, “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Sendo assim, as mulheres que produziam as camisas de garrafas não podiam ficar de braços cruzados, esperando a providência cair do céu. Se a taboa já não tinha mais a utilidade de antes, a saída agora era procurar outra forma de ajudar no sustendo da família.

Diante da situação, muitas mulheres acabaram indo trabalhar no corte do sisal para a produção de corda, na colheita de café, na lavagem de roupas para famílias de maior renda, extração e quebra do ouricuri para a produção de óleo, dentre muitas outras atividades. O fato é que as mulheres não se deixaram abater e buscaram novas alternativas para o auxílio familiar, fato que é extremamente comum até os dias atuais, mesmo que muitas vezes não reconhecido. O papelão tirou das famílias o ganho com a produção das camisas de garrafas, mas não tirou a força e esperança de dias melhores.

Considerações finais

Os estudos realizados para a efetivação dessa pesquisa trouxeram uma visão mais ampla sobre a contribuição que a Fábrica Gato Preto trouxe para o município de Miguel Calmon e, associada a ela, a fabricação das camisas de garrafas, embalagens muito requisitadas pela própria fábrica e outros comércios existentes na época.

A Fábrica Gato Preto e as famílias produtoras das camisas de garrafas, mesmo tendo sido de natureza diferentes (uma empresa formal e uma atividade familiar informal), são aspectos relevantes na história do município de Miguel Calmon, pois muito contribuíram para a geração de renda na cidade, durante um período tão difícil e com escassez de recursos. Ambas devem, portanto, ser lembradas e valorizadas dentro da historiografia local, pois fazem parte das memórias de muitos munícipes.

Durante a minha caminhada em busca de informações sobre o tema da pesquisa me deparei com diferentes manifestações de sentimentos. Inclusive tive uma percepção que se contrapõe a da autora Ecléa Bosi (1994, p. 63), pois ela defende que os sentimentos dos idosos é de gratidão, pois eles acreditam que a lembrança do seu passado faz reviver momentos agradáveis que os tornam até mais jovens. Diferente dessa ideia, verifiquei nas entrevistas que muitos idosos se entristecem em relembrar momentos do seu passado, como podemos verificar na fala da senhora Elenita Almeida (10 mai. 2024): “Tenho não meu fio, não tenho saudade daquele tempo não. Ver nossos filhos chorando por falta de muitas coisas, tendo de enfrentar de tudo pra conseguir um dinheiro são lembranças que não me trazem alegria não”.

As lembranças dos idosos são uma rica fonte de sabedoria e conhecimento histórico, que podem nos ajudar a compreender o presente de várias maneiras. Suas narrativas podem fornecer um contexto histórico valioso, que não é encontrado em livros ou documentos oficiais. As memórias e histórias dos idosos mantêm viva a herança cultural, ajudando as gerações a se

conectarem com suas raízes e a valorizar sua identidade. Ao ouvir e valorizar as lembranças dos idosos não só preservamos a memória coletiva, mas também ganhamos uma compreensão mais profunda de como o passado molda nosso presente e futuro. Segundo Bosi:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (BOSI, 1994, p. 63).

Essa pesquisa foi de extrema importância para a preservação da memória de muitas famílias calmonenses, que viveram parte de suas vidas se dedicando a uma atividade que desapareceu no tempo e da qual praticamente não há registros. A pesquisa, portanto, veio resgatar e valorizar parte de uma história que estava esquecida, e para isso a oralidade foi de extrema importância, pois sem a contribuição oral de muitas pessoas, essa pesquisa não teria acontecido.

REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS

ALMEIDA, Elenita Pereira da Silva. **Elenita Pereira da Silva Almeida (depoimento, 2024)**. Entrevista cedida a Gideão dos Santos Silva Santana. Miguel Calmon, BA, 10 mai. 2024.

ARAÚJO, Antônio Luiz Menezes de. **Antônio Luiz Menezes de Araújo (depoimento, 2024)**. Entrevista cedida a Gideão dos Santos Silva Santana. Miguel Calmon, BA, 13 abr. 2024.

BELÉM, Maridalva de Santana. **Maridalva de Santana Belém (depoimento, 2023)**. Entrevista cedida a Gideão dos Santos Silva Santana. Miguel Calmon, BA, 25 mar. 2023.

MATOS, Ângelo Augusto. **Ângelo Augusto Matos (depoimento, 2024)**. Entrevista cedida a Gideão dos Santos Silva Santana. Miguel Calmon, BA, 20 abr. 2024.

MIRANDA, Lilinha Rios de. **Lilinha Rios de Miranda (depoimento, 2022)**. Entrevista cedida a Gideão dos Santos Silva Santana. Miguel Calmon, BA, 12 set. 2022.

SILVA, Adalates Palmeiras da. **Adalates Palmeiras da Silva (depoimento, 2022)**. Entrevista cedida a Gideão dos Santos Silva Santana. Miguel Calmon, BA, 20 ago. 2022.

SILVA, Noeme dos Santos. **Noeme dos Santos Silva (depoimento, 2023)**. Entrevista cedida a Gideão dos Santos Silva Santana. Miguel Calmon, BA, 15 mar. 2023

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado – Ensaios de teoria da História**. São Paulo: Edusc, 2007.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas: feminismo na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. Salvador 2012.

FREEMAN, Joshua B. **Mastodontes: A história da fábrica e a construção do mundo moderno**. São Paulo: Editora Todavia, 2019.

MIRANDA, Lilha Rios de. **Mosaicos**. Jacobina, Bahia: Oxente, 2005.

NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Pohloff (org.). **Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro: Access, 1998.

RIOS, Welber. **Os Impactos da Ferrovia no Município de Miguel Calmon/Bahia (1923-1976)**. Artigo Científico (Licenciatura em História) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2017.

SANTOS, Carolina Carvalho Araújo dos. **Memórias do cotidiano: O viver no distrito de Brejo Grande, Bahia (1940-1970)**. Artigo Científico (Licenciatura em História) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2021.

SILVA, Renilton Silva. **Crônicas de Canabrava: outras veredas**. Jacobina, Bahia: I. A. Moreira Gráfica e Editora (Gráfica Oxente), 2013.

SILVA, Gesner; LIMA, José Raimundo. O processo de industrialização baiano e seus impactos demográficos e ocupacionais no município de Feira de Santana-Ba. **Revista Caminhos da Geografia**. Uberlândia-MG, v. 22, p. 68-80, 2021.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VELÔSO, T. M. G. Pesquisando fontes orais em busca da subjetividade. In: Dulce Consuello Andreatta Whitaker; Thelma Maria Grisi Veloso. (Org.). **Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória**. 1 ed. Campina Grande – PB: EDUEP, 2005.

VILARONGA, Dalva & CARVALHO, Geferson. **Retrato de Miguel Calmon: Análise Geral do Município**. Jacobina, Bahia: Editora Oxente, 2007.